

SALOMÃO FERRAZ

A FÉ NACIONAL

Com introdução pelo Dr. Manuel
Carlos de Figueiredo Ferraz, Ministro
do Tribunal de Justiça e Procurador
Geral do Estado de São Paulo.

1932



O. S. A.

CAIXA POSTAL 2415 - SÃO PAULO

II

Brasilidade

BRASILIDADE
RELIGIÃO NACIONAL
O CAVALEIRO
O MAIOR VALOR
O ANJO DO SENHOR
O HOMEM LIVRE
A QUESTÃO ROMANA
IGREJA NACIONAL
NACIONALISMO
IGREJA OFICIAL
O EMBAIXADOR
DIVINA CREDENCIAL

PROCURAVA o bem estar do seu povo, e cuidando da prosperidade de toda a sua raça.

Esther X : 3.

B r a s i l i d a d e

O ORGANISMO social, em nossos dias, dá mostras de um crescente mal estar. Febre, delirio, desvairamento, é o que se observa nos homens em toda parte. Terminada a grande guerra com o dia do armistício, cujo 14.º aniversário foi ha pouco celebrado, esperava-se um longo periodo de reconstrução e paz. Julgava-se que os homens, decepcionados pelos efeitos negativos de decidir as suas pendencias pelo processo brutal das armas, seriam propensos a aceitar, como norma de vida, o programa de um nobre idealismo, e a reconhecer que o metodo cristão, o de mortificar as paixões e os instintos subalternos, sob a inspiração da cruz, é o unico meio de pôr cobro aos apetites insaciaveis que levam os homens á guerra, ao exterminio.

Tal, porém, não é o que tem acontecido. Um abismo chama por outro abismo, e parece que uma calamidade provoca outra, de quéda em quéda, até o completo exterminio de um mundo que perdeu o rumo, o equilibrio, a moral, a fé.

Os espiritos mais lucidos, em nosso país, tais como Alberto Torres e outros, que se applicaram ao estudo do caso brasileiro, apresentam, como a causa principal dos nossos males, a falta de integração do homem ao meio. O brasileiro é, no dizer deles, um estrangeiro na sua propria terra. Pensa como estrangeiro, fala como estrangeiro, e procura agir como estrangeiro. Não tem instituições nem atitudes proprias. Quasi tudo nele é cópia servil do que lhe mandam de fóra —

em ciencia, em politica, nas artes, em religião, em tudo. Falta-lhe exatamente a alma brasileira.

A nossa maior necessidade, no pensar desses homens, é, pois, a de nos descobrirmos a nós mesmos. Intrepidos navegantes, ha mais de quatro seculos, deram com este vasto territorio, que foi colonizado, até tornar-se povo e nação.

Porém, até hoje este povo, como tal, não encontrou a sua propria alma. O que falta é exatamente o senso de brasilidade.

Estamos de pleno acôrdo com o diagnostico dos eminentes pensadores que estudaram largamente os nossos problemas. Não acreditam eles, nem tambem nos querem fazer crer que o unico povo que tem dificuldades a resolver é o nosso povo. Outros tambem as têm, sob outras fórmãs, e algumas porventura mais graves. Mas antes de nos lançarmos a investigar os alheios problemas, urge que focalizemos a atenção para os nossos proprios. Resolvidos estes, ou pelo menos encaminhada a sua solução, estaremos habilitados a ajudar outras nações nas suas multiplas e varias dificuldades.

E' muito certo, como dizem, que durante todos estes seculos de vida como povo, não nos temos achado a nós mesmos, e parece que, dia a dia, mais e mais nos afastamos da verdadeira trilha. Alguns dos remedios, sugeridos e experimentados parcialmente em varias ocasiões, não deram resultado. Tempo houve em que a truculenta repulsa ao estrangeiro andou em voga. Declamou-se, e com veemencia, contra os homens que não tiveram a dita de nascer sob a constelação do Cruzeiro, e perpetraram-se até violencias, mas sem nenhum efeito: continuámos da mesma forma, senão peor, desintegrados de nós mesmos, sem feitio proprio, sem naturalidade.

Outros ha que procuraram descobrir a alma nacional no dominio das artes, dando em tudo a preferencia aos motivos regionais, na literatura, na pintura, na musica, na escultura e até na arquitetura. Surge então o chamado estilo colonial, a que não faltam adeptos. Porém tudo sem maior repercução na alma do povo. E longe iriamos, se quizessemos enumerar todas as tentativas nesta linha, inclusive o proposito, certamente futil, de acentuar diferenças entre o nosso falar e escrever, e o dos nossos irmãos da Lusitania.

E quanto mais tentamos nestes rumos, com caracter negativo ou construtivo, tanto menos nos descobrimos a nós mesmos, como individuos, e menos ainda como nacionalidade.

E faz-nos bem pensar nestas questões de ordem geral e publica, antes de cogitar daquelas que nos afetam como individuos.

E agora, nestes dias em que a Igreja celebra o Advento, segundo a quadra liturgica, convem voltar o nosso pensamento para a patria.

Quando tantas nuvens toldam os horizontes nacionais, não é licito que nos deixemos encerrar em nós mesmos, como a tartaruga em seu casco impenetravel, o ocupados, apenas, com o nosso proprio salvamento pessoal. Ha certamente ocasiões sinistras, na vida de um povo, em que o grito é este: "Salve-se quem puder". Mas parece-nos que não havemos chegado a um tal momento tragico na vida nacional.

Tempo é, portanto, ainda, de clamar, não aos ouvidos das mentalidades gregarias, acasteladas no reducto de supostos privilegios singulares, mas aos ouvidos de todos os nossos conterraneos, mostrando-lhes, com lealdade, o lugar em que se encontra o manancial da verdadeira liberdade, como individuos, com a justa integração em nós mesmos, sem egoismos, mas como reis

e sacerdotes para os fins mais altos da vida, e a nossa integração, igualmente, como nacionalidade conscia dos seus altos destinos.

A todos os nossos patricios diremos, sem hesitação, que Jesus Cristo é a chave para a solução de todos os nossos enigmas, como individuos e como povo. Encontrar a Jesus Cristo, no espirito de fé, de amor, de consagração, no espirito de real fraternidade, é encontrar a nossa propria alma, o nosso feitio individual, sem afetação, sem animo servil nem prepotente, sem baixêza, sem arrogancia, sem abjeção, sem fatuidade. E' que sem individualidades fortes, marcadas, intimamente emancipadas, não pôde haver uma nacionalidade viril, aprumada, capaz de tomar nas mãos as rédias de seu proprio destino.

A grande questão hoje, para nós, não é a nossa attitude para com os novos sistemas em voga no velho mundo, mas é principalmente a nossa attitude para com Cristo. Do lugar que dermos a Jesus Cristo em nossa vida, como individuos e como povo, depende o futuro da nacionalidade.

Porém a lealdade a Cristo, agora como nos dias primitivos, reclamará de muitos um animo forte para romper com preconceitos e erros que desvirtuam a santa religião. A fidelidade a Cristo Rei exige a intrepidez de homens que não tenham medo do oprobrio que lhes possam infligir, aqui ou ali, os que se julgam com direito de sobrepôr a sua politica á voz divina que fala diretamente ás consciencias retas, nos individuos e nos povos. E a ordem, para muitos, será vasada ainda nos mesmos termos que aos cristãos de outróra, que tinham de ir ao encalço de Cristo fóra dos precintos do sistema vulgar de seu culto: "Saíamos, pois, a ele fóra dos arraiais, levando sobre nós o seu oprobrio".

Fóra de Cristo, ou sem a sua ação direta e decisiva em nossas consciencias, viveremos eternamente emaranhados nas malhas falaciosas dos sistemas, religiosos ou politicos. Com Cristo, na consciencia viva e palpitante da sua real presença em nós, acharemos a nossa verdadeira liberdade, o nosso feitio proprio, como individuos e como nação, e encontraremos, alfim, o segredo da real brasilidade.

TEM-SE dito que a esfera da religião é o mundo interior do espirito nas suas relações com infinito e com a outra vida, e que todas as questões que afetam a vida material nas relações dos homens uns com os outros devem ser tratadas inteiramente á parte. Igreja e Estado são entidades que devem viver absolutamente separadas. Questões políticas e sociais não devem penetrar os sagrados recintos, e o cheiro do incenso não se deve fazer sentir nas ingentes questões que agitam os homens na vida do grande mundo. Pretende-se, desta maneira, circumscripter a área da religião.

Nada, porém, ha de mais falso e de mais funesto do que tal conceito da religião. Falso e funesto para a vida social; falso e funesto para a vida exuberante da propria religião, especialmente a religião do Verbo que se fez carne e assumiu a vida humana com todas as suas lutas e contingencias.

Religião que se delimita ás sacristias e aos estreitos recintos consagrados ao culto, e que lá fóra se esquece de que existe um Deus, um Deus que ama a justiça e a equidade, e que aborrece a ignominia e todo caminho tortuoso, ignobil, não póde ser a religião daquele que veio implantar no mundo o reino de Deus, o imperio da justiça e da real emancipação dos homens. Não é a religião daquele que se deixou levar ao suplicio da cruz por não pactuar com a mentira e com a iniquidade. E nem é tambem a religião dos grandes profétas do povo hebreu, para os quais as ceremonias, o ritual, o misticismo

de um culto desacompanhado do espirito de justiça e equidade social, não eram mais do que ultrage lançado á face do Altissimo.

Escutemos o que diz Isaías: "Vós jejuais para contendias e rixas, e para ferirdes com o punho iniquo. Póde acaso ser esse o jejum que eu escolhi? Consiste porventura em inclinar o homem a cabeça como o junco e estender debaixo de si sacco e cinza? Porventura chamarás a isso jejum e dia aceitavel ao Senhor? Acaso não é este o jejum que escolhi — romper as ataduras da iniquidade, desatar as ligaduras do jugo, deixar ir livres os oprimidos e espedaçar todo o jugo? Acaso não consiste em repartir o teu pão com o faminto, e recolheres em tua casa os pobres e desamparados? em cubrires aqueles que vês desprovidos de roupas, e não abandonares o teu proximo?"

O verdadeiro remedio para os males sociais não é prosseguir em uma politica sem religião, e nem cultivar uma religião alheia a todas as questões políticas e sociais, mas é trazer a luz da religião a incidir sobre todos os problemas afetos á vida coletiva. Porém isto reclama o espirito de sacrificio, de abnegação, de coragem, de perseverança, de heroísmo. E a nossa ida sistematica ao templo, onde esperamos lograr uma visão da face do Senhor e uma real participação do seu carater varonil, imperterrito, firme, confiante a despeito de todas as adversidades, deve habilitar-nos a cumprir melhor os nossos deveres na familia e como cidadãos do nosso país.

Seria um verdadeiro sarcasmo um homem ter a pretensão de receber a Cristo na Santa Eucaristia, em raptos de emoção, e depois sair lá fóra a proceder como um covarde, miseravel comodista a quem não se lhe dá de que as cousas publicas vão bem ou mal, com justiça ou com opprobrio, contanto que ele alcance os seus fins pessoais e immediatos. Mas o verdadeiro comungante é aquele que se julga de tal maneira identificado com Cristo, em corpo e

alma, e disposto também, em nome de Cristo, a atirar-se aos mesmos lances, aos mesmos riscos, aos mesmos labores indefessos em prol da justiça e da verdade.

Não é fóra da Igreja que se irão retemperar os caracteres fortes, incorruptíveis, destinados a implantar no país a verdadeira democracia, a qual tem como unico fundamento o espirito de renuncia, de disciplina individual e de responsabilidade perante Deus e perante os homens. Sem Cristo, sem o seu espirito, só pôde haver demagogia — homens que gritam contra os tiranos, mas com o unico proposito de ocupar os seus lugares, e fazer o mesmo que eles estão fazendo. E' na cruz que se encontra o segredo da verdadeira liberdade. Porque a cruz é a negação perentoria de todo o espirito de prepotencia, e a afirmação da gloria que resulta de servir aos outros e de viver para o bem comum.

O de que necessitamos hoje não é de homens que desertem as sagradas aras, reputando-se superiores aos reclamos da religião, mas de homens que saibam levar para a Mesa do Senhor, não apenas os seus problemas individuais, mas também as ingentes questões nacionais, para serem resolvidas á luz do santuario. Homens de fibra e disciplina, capazes de se prepararem para receber devidamente o Senhor mediante o Santissimo Sacramento de seu Corpo e Sangue, e capazes também de assumir, na vida, em todas as suas relações, a mesma attitude impavida de Jesus Cristo, sem estar a medir timidamente as consequencias.

Homens de tal fórmula disciplinados em conter os seus proprios impetos e ambições que, vindo a ter nas mãos as rédeas da autoridade, saibam manejá-las com sabedoria, com justiça, sem as vertigens que fazem perder a cabeça aos que galgam as alturas.

E' que tais homens, embora em posição elevada, sentem-se pequeninos e humildes á vista daquele que está

acima deles e a quem reconhecem como a suprema autoridade do universo. E' que para eles Jesus Cristo é, de fato, o Rei dos reis e o Senhor dos senhores, cujo programa de justiça, de pureza, de amor e de paz, deve ser vitorioso no mundo.

CERVANTES fez o mundo rir-se das extravagancias da cavalaria medieval. Meteu-lhe a ridiculo os lances e os gestos de um idealismo não raro insensato e mal-são. Mas o cavaleiro, pelo seu juramento solene, considerava-se um homem publico, a serviço do representante, ou suposto representante da causa publica, o rei. O que lhe importava, de então em diante, não era mais o seu proprio interesse particular, mas o interesse publico. Havia, é certo, muita basofia, muita pieguice, muita ostentação e espirito bajulatorio, mas tambem muita cousa digna de ser considerada. O idealismo era nobre, se bem que na pratica nem sempre se agisse com juizo ou com o senso de medida e proporção.

Porém algumas cousas, no ideal do cavaleiro, são dignas de meditação, porque representam valores permanentes, impereciveis. Eram preciosas então, e ainda hoje, e não podemos imaginar um tempo, a não ser nos periodos delinquentes, em que o deixem de ser.

Primeiro, era a sua confiança no valor pessoal do individuo. Ha homens que só sabem vibrar na vida das multidões. Só têm coragem, quando sentem outros pela retaguarda a garantir-lhes as costas. Encontrados sozinhos, ou abandonados pelos companheiros, perdem todo o tento, não possuem coragem para articular uma simples opinião. Só mostram valor quando reunidos em malta, instigados pelo furor turbulento uns dos outros. Mas o cavaleiro contava comsigo mesmo, com a justiça e com Deus.

Ha uma pronunciada tendencia, em nossos dias, para eliminar-se o valor pessoal. O imperio da maquina, quer a de aço, quer a das gigantescas organizações, tende a fazer desaparecer o valor do individuo. O individuo deve ageitar-se passivamente á entrosagem dos grandes maquinismos, sem pensar nas qualidades moraes destes. E taes maquinismos são muitas vezes os instrumentos de iniquidade e de morte. São bastilhas iniquas que sufocam os protestos da consciencia contra as injustiças sociaes.

Em segundo lugar, o cavaleiro julgava-se obrigado a reparar todas as injustiças, e não apenas aquelas que lhe atingiam a propria pessoa. Julgava-se chamado a defender os fracos, os oprimidos, e especialmente aquela parte da especie humana que, pela sua brandura e delicadeza, estava sujeita a ser maltratada por aqueles que deviam ser os seus naturaes protectores.

Quando os homens se resentem apenas das injurias pessoas que padecem, sem ter olhos para vêr os males que outros sofrem, e sem sentirem o sangue a ferver-lhes nas veias em face das injustiças gerais e dos males publicos, então é porque se acham no caminho da dissolução moral, sem outro recurso senão o de um novo diluvio que faça perecer a raça dos reprobos. E' mister reviver, hoje, o velho espirito da cavalaria. Cumpre aprofundar no cidadão o espirito publico, o espirito de responsabilidade pessoal, a consciencia do valor do individuo. E importa, para isso, valorizar de facto os individuos.

E' um erro pensar que a liberdade se adquire pela mera concessão de franquias liberaes, graciosamente outorgadas pelos que ocupam as sédes do poder. A liberdade é o apanagio dos homens dignos, dos homens de valor, dos homens que saberão ser livres mesmo dentro das grades de um calabouço. E o homem livre não é aquele que age a seu bel prazer, para os seus fins particulares, mas é aquele que em seu coração tem posto a causa publi-

ca e por ela se dispõe a lutar como um heroe, na companhia de camaradas afins, ou mesmo sozinho, se assim for necessario.

O cavaleiro tinha em seu intimo o senso do dever, sem ficar á espera das injunções de fóra. Poderia cometer, por vezes, desatinos ou impropriedades, mas em regra geral, se tinha um animo sincero, atinava com o verdadeiro caminho. Poderia enganar-se, ás vezes, na causa que tomara a peito defender, mas nunca se enganava nos seus metodos, nos seus processos de retidão e lealdade. E muitas vezes a unica cousa que vale em nós é isto. Parece a nossa causa, ou porque as circunstancias foram em excesso adversas, ou porque não tivemos bastante juízo para ver-lhe o lado fraco e insubsistente, mas a personalidade de um homem reto e leal sobrevive e se ergue alta-neira por sobre as ruinas de muitos dos seus mais acariciados ideaes. O cavaleiro é aquele que não somente busca cousas boas e honestas, mas faz questão absoluta de as buscar pelo caminho da honra, da dignidade. Ele não tem como principio a maxima de que o fim justifica os meios. Os meios, decorosos, dignos, é que muitas vezes fazem perdoavel um tentame absurdo.

Não é possivel levantar-se uma comunidade vigorosa sobre as ruinas do individuo. Este deve ser forte, concio do seu valor inestimavel, castigado pelo sentimento profundo da sua responsabilidade pelo bem geral. Mas não é na escola das ditaduras que se formam os homens desta tempera. Mas tambem o remedio contra as ditaduras não são as revoluções, que quasi sempre as perpetuam com carater agravante. O remedio está na educação moral e civica do povo, juntamente com a difusão das luzes que lhe aclaram a intelligencia, e a religião que lhe educa a consciencia.

O nosso paiz necessita, hoje, de reviver o nobre espirito da antiga cavalaria. Necessita de homens corajo-

sos, cavaleiros "sans peur et sans reproche", como se dizia de Bayard. A presença de taes homens, onde quer que seja, mesmo na escuridão dos ambientes politicos e sociais mais empestados, atúa como a luz solar que tudo ilumina, purifica e saneia.

A obra educativa deve especialmente visar a formação de caracteres definidos, com feição propria, e não uma turba multa de gregarios e eternos tutelados. Uma verdadeira democracia não se forma de entidades amorfas, abulicas, passivas, timidamente obedientes, mas de homens que sentem vibrar no seio as pulsações divinas da liberdade e desconhecem o medo, porque sabem que a verdade, a justiça, a beleza e a bondade são eternas, e com elas eternos e impereciveis os seus bravos paladinos.

EM resposta a um amavel missivista, que delicadamente nos interpela sobre o direito, se o ha, de arvorar-se algum dia a bandeira de um movimento de revolta, diremos que esse direito póde existir ou não, dependendo tudo da qualidade do governo que prevalece. Ha situações em que uma revolta é claramente um crime; mas ha outras, raras, é certo, em que é um dever penoso e inelutavel. A propria historia sagrada nos oferece exemplos desta ordem. Moisés e Aarão chefiam um levante do povo hebreu contra os seus opressores no Egito. E toda a historia da liberdade tem sido a historia de rebeliões sagradas.

Porém a revolta mais nobre, de efeitos reais e permanentes, não é a que tem a sua origem nas intrigas dos quartéis, mas é a que se processa na esfera elevada da consciencia dos homens. E por isso não convém aplaudir, sem meticulosas precauções, os movimentos armados. E' só por exceção que eles obedecem a fins nobilitantes. E mesmo como exceção, eles não devem absolutamente exceder os seus estritos limites, sob pena de se converterem em uma fórmula de opressão peor do que aquela que tinham por fito abater. A regra, para o soldado, como também para o simples cidadão, é a obediencia á ordem. A insubmissão é um recurso desesperado, ultimo, e assás perigoso.

Porém a obediencia, ainda que uma grande palavra, não é a ultima palavra na vida do homem, militar ou civil, que se preza. A palavra maior, apanágio dos

homens livres, não é nem a palavra liberdade, tão facilmente sofismada e burlada; a mais sublime palavra, a mais profunda, a mais sagrada, porque tem atrás de si o toque da divindade, é a palavra "consciencia".

Não ha nenhuma regra, nenhuma escala, nenhuma tabela, nenhum código, que possa substituir este termometro interno que se chama a consciencia.

A liberdade, no sentido vulgar, é um principio relativo; a nossa liberdade pode ser ampliada ou restringida, conforme as circunstancias. E a propria obediencia, que tem o seu correlativo no principio de autoridade e de poder, é também um principio subalterno.

Mais a consciencia é um principio, absoluto, inalienavel, essencial. A liberdade, sem consciencia, é anarquia, é desordem, é motim, é o inferno. A autoridade, sem consciencia, tanto nos que governam, como nos que são governados, é opressão, é despotismo, é cativo, é corrupção.

Ha uma consciencia coletiva, mas esta deve ser baseada na consciencia do individuo. E' com este que se ha de principiar, se queremos alcançar os mais levantados fins com a coletividade.

Porém a consciencia ha de rer esclarecida. Senso moral, que o pretende ser sem luz, é fanatismo, é obsessão, é loucura.

Cultive-se a disciplina, aprenda-se com humildade na escola de uma justa obediencia, porém cultive-se sobretudo a consciencia, o senso de responsabilidade, não somente com vista aos homens, mas sobretudo á vista de Deus.

E' isto o essencial, de onde decorrem as demais consequencias.

E' que a maior força, de que se póde dispor, não é a força das armas, mas a força moral. O maior ini-

migo não é aquele que defrontamos nos campos de combate, mas o que se põe de emboscada dentro de nós mesmos.

O verdadeiro valor de um homem se revela não somente nos dias febris de atividade, nem nas horas de triunfo, mas é o que se patenteia muito especialmente nos momentos de revezes, nas horas críticas de adversidades e humilhações. E' grande cousa saber vencer com honra; maior, porém, é não perder a dignidade e o prumo nas ocasiões dos desastres.

Nem sempre a sorte nos bafeja, e o desenlace de uma requesta nem sempre depende de nós. Ha momentos em que somos chamados a curvar a fronte á vista de circunstancias humilhantes, inevitáveis.

Houve, na guerra civil dos Estados Unidos, um grande general, que merece classificado com os maiores cabos de guerra do mundo. De olhar sereno e profundo, rosto aquilino por entre a barba e os cabelos grisalhos que lhe emolduravam o semblante venerando, o general Roberto Lee era a alma da Confederação do Sul. Durante anos a fio pelejou á frente das suas aguerridas hostes, valente como um leão, bravo como um herói, intrepido como todos os que são animados de profundas convicções. Porém a maior grandeza deste general se revelou, não nos lances ariscados, vadeando rios e escalando montanhas, não nas vitórias seguidas que exasperavam os seus adversarios; a sua verdadeira grandeza, a maior nobreza da sua alma se patenteou naquele triste Domingo de Ramos a 9 de abril de 1863, ás 2 horas de tarde, na sala das sessões de Appomatox na Virginia, quando ele se submeteu ás condições inevitáveis de uma derrota, e entregava a sua valente espada ao general Grant, o seu valoroso antagonista. Não desesperou, não procurou evadir-se, não cometeu desatinos, mas conduziu-se

como o modelar cavalheiro que sabe receber, com alma grande e forte, o inexorável das circunstancias.

Teria sido, por isso, atirado á vala do desprezo e do esquecimento? Nunca! Pelo contrario, foi levado ao Pantheon da gloria, e o seu espirito, heróico, de cavaleiro do sul, revive nos filhos da patria, unanimes em reconhecer-lhe, não apenas o incontestável valor marcial, mas sobretudo o seu valor moral, a nobreza de sua alma, aprumada, forte, livre, vitoriosa, empolgante.

As grandes almas, trilhando embora sendas diversas, acertam sempre com o caminho da gloria.

ERA um momento assás critico na vida da Igreja apostolica. Herodes, conhecido na Historia como o primeiro Agrippa e neto de Herodes o Grande, não tivera escrúpulo de estender o braço perseguidor e ceifar uma vida preciosa de apostolo, a de Tiago, o filho de Zebedeu e irmão de S. João Evangelista. E vendo que o seu gesto homicida era grato aos judeus, faz prender também a Pedro e encerrá-lo no carcere, bem guardado, com toda segurança, esperando apresentá-lo ao povo após a Pascoa. O destino, que o aguardava, não podia ser outro que o do seu colega no apostolado.

Porém não nos interessam aqui os pormenores da narrativa, senão a atuação do angelico interventor. Na vespera do dia aprazado pelo despota, á noite, estava o prisioneiro guardado por quatro escoltas de soldados, que alternavam durante as vigílias noturnas, emquanto as sentinelas, para maior prevenção, montavam guarda á porta.

E este homem extraordinario, prestes a ser decapitado, não padecia de medo nem de insônia: estava dormindo! Realizava, em sua plenitude, as palavras do inspirado vate de Israel: "Assim dá ele o sono aos seus bemquistos!".

Porém quando o silencio da noite era profundo, amortecidos os ecos derradeiros da cidade, subitamente resplende no carcere uma luz: era um anjo que apparecia. Tocando o lado de Pedro, o desperta, dizendo-lhe: "Levanta-te depressa". Imediatamente, como se

fora um sonho, caem-lhe das mãos as cadeias, com um ruído metalico de encontro ao chão do presidio. E o mensageiro celeste acrescenta: "Cinge-te e calça as tuas sandalias". O apostolo obedece. E o interventor adianta ainda uma ordem: "Cobre-te com a tua capa e segue-me".

O apostolo, extremunhado, sem saber se era realidade, desvario ou visão, acompanha o seu misterioso benfeitor. Passam a primeira e a segunda sentinela, chegam ao portão de ferro que dá para a cidade, o qual se lhes abre por si mesmo, sem a minima interferencia humana, e eles saem dos precintos da clausura.

Mas o estranho interventor reve'ou-se como um anjo de Deus, não tanto no penetrar na prisão, nem na claridade celeste que espargiu, nem no cair das algemas, nem no abrir das portas, porém exatadamente no reconhecer o momento de ausentar-se e deixar entregue a si mesmo e no gozo da sua liberdade o prisioneiro. "E saindo, andaram o comprimento de uma rua, E LOGO O ANJO O DEIXOU".

Eis aí a marca inelutavel de anjo no celeste interventor! Apresentou-se em tempo com a sua interferencia, mas soube também conhecer o momento de retirar-se. Não teve hesitação, não esperou que se lhe dessem as graças, nem mesmo deu tempo de se lhe perguntar pelo nome, mas LOGO O DEIXOU. Não quis perpetuar uma tutela, que tão eficaz e benefica tinha sido á seu tempo, alegando a razão de que, lá fóra, ainda reinava Herodes, e que os sacerdotes, com os escribas, fariseus, mantinham ainda a mesma attitude minaz e sanguinaria. Pedro, de agora em diante, embora com grandes riscos, teria de andar por si, e por si mesmo escolher o seu caminho. Assim convinha á individualidade do apostolo, que não seria atrofiada por uma tu-

tela intempestiva, e assim convinha aos altos interesses da Igreja.

Ha ocasiões, na vida, em que um homem necessita de tutela e direção. A infancia e a juventude carecem da intervenção oportuna de pais e mestres. Pretender, porém, conservar um homem feito, um homem normal, sob perene tutela paterna, é atrofiá-lo moralmente. Casos ha, em que os pais desconhecem o tempo em que os filhos, chegados á maioridade, devem ser deixados á liberdade de ação. Toda influencia, de então em diante, deve ser discreta e respeitosa, sob pena de efeitos desastrosos.

Um enfermo, em tratamento, segue á risca as injunções do medico, renunciando ao seu proprio sentir e pensar, desorientados pelo seu estado anormal. Porém, no gozo da saúde, ainda que atendendo aos salutaes conselhos da ciencia, o homem se conduz, em geral, pelo seu proprio bom senso.

Não é condenavel a pratica da confissão, mesmo da fórma auricular sob os auspícios da Igreja. Ha quadras, tão incertas e tão varias na vida, em que um homem necessita de uma intervenção amiga; alguém a quem se possa abrir com franqueza o coração, confiar-lhe os seus secretos e receber salutaes palavras de conforto e de conselho. Ha, pois, necessidade de uma oportuna intervenção na vida, especialmente em momentos de crise espiritual e tentação. A dificuldade, neste caso, não está na razão de ser de uma tal intervenção, em determinadas circunstancias, mas na proficiência e idoneidade do interventor. A cura das almas é uma tarefa delicadissima, sagrada, e exige, para o seu exercicio, verdadeiros homens de Deus, dotados do instinto do anjo do Senhor.

Mas uma tutela espiritual, mesmo no melhor dos

casos, tomada como habito normal, para todas as fases da vida, é de natureza atrofiante, como reconhecem os mais avisados confesores, que se negam a qualquer attitude que venha tolher, de alguma sorte, o crescimento mental e espiritual de criaturas que devem primar pelo senso de responsabilidade e pelo seu feito emancipado.

Não é facil, ao interventor, em qualquer esfera, conduzir-se com a correção do anjo do Senhor. O campeão da liberdade, em muitos casos, transforma-se em tirano, julgando que nunca mais chega o tempo de deixar sobre si aos que pretendeu proteger de condições degradantes. Sempre enxergam os Herodes de espada em punho, lobrigam sempre perigos, e julgam-se justificados em prolongar indefinidamente uma tutela que, não sendo alijada em tempo, estrangula as suas victimas. E o que a principio se afigurava uma intervenção providencial, na hora propicia, acaba revelando a sua origem mesquinha, inconfessavel, infernal. O que pretendem não é quebrar algemas e deixar ir livres os homens, mas forjar cadeias mais fortes e conservá-los perpetuamente sob o guante de um predomínio sem contrastes. E o anjo de luz, saudado com alvoroço pelos homens oprimidos, não é senão Lucifer, o ambicioso, cego e surdo a todas as razões, a não ser as da sua dignidade, as do seu poderio, e dos seus direitos intangíveis.

Mas o verdadeiro libertador, o enviado celeste conscio da sua excelsa missão providencial, é aquele que, intervindo, acordando, libertando, ajudando, aconselhando e encaminhando, retira-se do cenário, silenciosamente, no mais breve prazo possivel, sem buscar outra honra a não ser a de ter sido prestante em tempo e de haver concorrido para o bem geral.

O grande chefe americano, Washington, foi ho-

mem deste feitio. Não se deixou inebriar pelo espirito maligno do poderio, mas soube conhecer o tempo exato de retirar-se, em silencio, nobremente, qual o divino mensageiro. "E andaram juntos o comprimento de uma rua, e logo o anjo o deixou".

LONGE da verdade não andou um distinto missivista, leitor assiduo de nossos escritos na imprensa, quando declarou perceber, através dos mesmos, os sentimentos de simpatia que nutrimos pela Igreja Catolica Apostolica Romana. Certo é que temos tais sentimentos, e os procuramos cultivar com desvelo, olhando para essa comunidade cristã, não pelo prisma exclusivo das suas fragilidades e da sua politica francamente reacionaria e anti-democratica, que a tem comprometido aos olhos dos que na religião cristã enxergam um principio sagrado de liberdade que atinge o individuo e todas as suas relações. Mas procuramos ver, tambem, nesse gremio respeitavel de cristãos, os grandes principios de que eles, a despeito da contingencia humana, têm sido os guardiães providenciais no decorrer dos seculos.

Certo é que amamos de coração o catolicismo, a despeito da ganga que não raro o deforma e o faz suspeito aos olhos de um senso religioso esclarecido e emancipado. Temos defendido, pela imprensa e sem rebuços, os grandes principios que constituem, a nosso ver, as bases do cristianismo catolico. E temos demonstrado, assim, que não acalentamos um apreço platonico, qual o dos que reconhecem a verdade, mas limitam-se apenas a dar-lhe uma interior aprovação, sem se exporem aos vendavais acerbos das opiniões contrarias.

Ha, porém, um feitio singular neste apreço que temos pelos principios catolicos, mesmo sob sua fórmula romana. E' que do nosso coração não são excluidos os sis-

temas catolicos dissidentes, conhecidos pelo nome geral de Protestantismo. Pois representam principios igualmente sagrados que devem entrar na tessitura de um sistema religioso inteiriço, masculino e sadio. Costuma-se olhar para o Protestantismo apenas através dos seus excessos e aberrações, e não se penetra o amago dos grandes principios de que eles têm sido, no mundo moderno, os providenciais custodios. Catolicismo e Protestantismo não são, como julgam muitos, principios antagonicos que se excluem, mas, pelo contrario, são tendencias legitimas que mutuamente se completam.

Vasto é o assunto, e bem merece considerado em seus varios aspectos, onde se verifica a razão de ser de um catolicismo que almeja incluir no seu ambito os grandes principios de que o Protestantismo, como é vulgarmente conhecido, tem sido o expoente, mesmo com as suas extravagancias e excentricidades. E' por isso que, se com uma das mãos nos agarramos ao que é conhecido como catolicismo, com a outra nos seguramos, com força, ao que constitue a essencia dos principios evangelicos, ou protestantes, consoante a alcunha que lhe deram ha seculos.

Um desses principios, que de certo não é estranho ao catolicismo, mas que não tem sido posto na devida evidencia, antes, pelo contrario, tem sido malsinado e torcido por muitos que fazem praça da sua fé catolica, é o principio da salvação pela livre graça de Deus mediante a fé, sem se levar em conta, para este ato inicial e basico, os meritos de obras pias, sacramentos ou atos devocionais. E' um principio soberano, altamente emancipante, e absolutamente indispensavel para a formação de caracteres apurados, indomitos, verdadeiras pedras vivas no edificio da Santa Igreja. Não foi o Protestantismo que inventou este postulado primordial da fé, mas ele se encon-

tra, claro e explicito, nas paginas sagradas do apostolo São Paulo nas suas memoraveis epistolas aos Galatas e ao Romanos. Não é nenhum pretexto para uma vida licenciosa como, por ignorancia, malícia ou sectarismo, alguns insinuam, mas é exactamente o contrario: é o mais nobre incentivo para uma vida de real devotamento a Deus e ao serviço do proximo.

Ainda nos lembramos do dia, já lá vae por trinta anos, quando em meio de pungentes agonias mentais, ocasionadas pelas duvidas que nos atassalhavam o espirito, minado pela descrença e o pessimismo, tornando-nos a vida um fardo insuportavel, sem luz e sem conforto, baldados todos os meios para trazer-nos a paz interior de que acima de tudo careciamos — abrimos o sagrado volume, e os nossos olhos pousaram sobre estas palavras do apostolo S. Paulo na sua epistola aos Romanos: "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça mediante a redenção que ha em Cristo Jesus; ao qual propoz Deus como propiciação pela fé no seu sangue, para manifestar a sua justiça".

Estas palavras, naquele instante, foram como o feixe de luz do céu, caindo sobre as trévas em que se debatia o nosso espirito. "Sou então aceito por Deus, gratuitamente, unicamente pelos meritos do grande Redentor! Posso então descansar de cuidados a minha alma? Posso atirar-me, sem receios, aos braços da divina misericordia em nosso Senhor Jesus Cristo, sem pensar em quaisquer merecimentos de minha parte? Será possivel isto?" Mas esta era a grande realidade que nos enchia de paz o coração e o fazia saltar de gozo. E toda a nossa vida, no decorrer de todos estes anos até hoje, não tem sido mais do que um desdobramento deste grande principio libertario. Nunca fomos tentado a apoucar o valor das boas obras e de uma vida de estrita moralidade, mas recebemos um forte incentivo para praticar-las, não em espirito servil,

medroso ou mercenário, mas na inspiradora liberdade dos filhos de Deus, que obedecem por amor que não pelo medo do castigo, e nem mesmo pelo amor da recompensa, nesta ou na outra vida.

Ao nosso espírito tem avultado também, cada vez mais, o valor dos sacramentos na Igreja, mas não como um substitutivo da livre graça mediante a fé, mas exatamente como subordinados a este grande princípio e como a sua legítima e necessária expressão.

E o mesmo princípio afeta igualmente o problema da unidade católica da Igreja e todo o princípio da autoridade na vida religiosa ou cívica. Esta unidade tem como centro primacial Jesus Cristo, a suprema fonte de libertação, de paz e unidade. O outro fulcro de unidade não é um cabeça visível e hierárquico, mas é o indivíduo emancipado, espiritualmente liberto por Cristo. A responsabilidade do indivíduo é direta para com Deus e direta para com os homens, independente, em sua essência, de quaisquer intermediários humanos, que são úteis, é certo, e praticamente indispensáveis, mas não no sentido de um poderio absoluto, equiparado à operação da livre graça de Deus. A sede suprema da autoridade está em Cristo, no mundo invisível das grandes realidades espirituais, e, depois, na consciência individual emancipada, e só em último lugar na hierarquia ministerial. Inverter esta ordem, e colocar em primeiro plano o princípio de uma autoridade visível, fazendo dela depender, de um modo absoluto, toda a graça salvadora, e excluir tudo o que não se enquadra com as suas pretensões exclusivistas, é subverter a base da religião das boas novas libertadoras, e que por isso mesmo tem o nome expressivo de evangelho.

Os males do "sacerdotalismo ou clericalismo" não de ser obviados, não por excluir-se o sacerdócio ou o ministério cristão, de instituição divina, mas por colocá-lo no seu verdadeiro lugar subordinado, como cooperadores das

almas livres, consoante o espírito apostólico, e não como os que pretendem trazer sob um jugo ferreo as consciências.

E' este o tipo de catolicismo, cristão e evangélico, que desejamos arvorado em nossa pátria e em todo o mundo. O contrario disto é o tipo reaccionario, que não se compadece com a liberdade das almas no evangelho, nem com os princípios democraticos na vida cívica.

Este catolicismo, directamente radicado ás realidades invisíveis, e constituido de pedras vivas de individualidades fortes, unidas por comum acôrdo mais do que pelo braço ferrenho de uma autoridade humana de feitiço cesarista, é a base de granito em que se pode firmar uma real democracia. E' que da sua atuação resulta o que ha de maior valor no mundo: o homem livre.

JULGAMOS oportuno reproduzir, aqui, as palavras que, ha mais de dois anos, nas colunas do "Diario Nacional", foram estampadas, a 15 de fevereiro de 1929, quatro dias após a assinatura da Concordata de Latrão. Os fatos, porventura, mais depressa do que se pudera esperar, estão agora a comprova-las.

O intuito que tivemos então, ao escrevê-las, é o mesmo que nos anima agora a repeti-las: é o de preparar, neste país, o espirito dos homens que tomam a sério estas grandes questões, e que pretendem fazer da religião o mais poderoso esteio da liberdade e da real democracia, sem pensar jamais em usá-la como instrumento nas mãos do despotismo.

Ha uma forte tendencia, hoje, em nosso país, para se explorar, com fins politicos, os sentimentos religiosos do povo. O remedio em semelhante situação, não ha de ser procurado fóra do patrimonio catolico dos seculos. Para os abusos, que em nome do catolicismo se procuram perpetrar, e se estão perpetrando, o corretivo ha de ser encontrado no seio do proprio catolicismo, nos seus principios basilares, porém desagregados de elementos acidentais que se lhe apegam, como as ostras ao casco da nave. A grande tarefa, hoje, é a de separar, com paciencia, os elementos essenciais daqueles que têm sido precarios na historia da mais alta expressão religiosa da raça humana.

Foram estas, textualmente, as nossas palavras então:

FATOS do dominio publico, e destinados a universal repercussão, acham-se expostos, por isso mesmo, á livre analyse. Não é delito, pois, sobre eles externar um parecer. Fraco parecer, porventura, porém sincero e disposto a acolher de boamente os reparos de quantos apresentarem razões melhores.

Tem-se dito, com entono, que a questão romana teve o seu feliz epilogo com a assinatura do acôrdo, firmado na segunda-feira, ultima, entre o governo de Benito Mussolini e sua santidade, o papa Pio XI.

Depois de um hiato de quasi sessenta anos, voltam as cousas, segundo se diz, ao que eram antes de 1870.

Mas a questão romana, longe de extinguir-se, entra precisamente agora na sua fase mais aguda e melindrosa.

O recente pacto não encerra, como ao primeiro golpe de vista se pôde averiguar, nenhuma extraordinaria concessão por parte do Quirinal. A indenização, que foi concedida, é bem menor ainda do que a soma que o governo italiano, desde 70, sistematicamente vem pondo á disposição do Vaticano, e que este, por motivos que lhe pareceram ponderosos, tem sempre recusado. Honras militares e diplomaticas, deferencias protocolares, foram sempre oferecidas á Santa Sé pelos governos da casa de Saboya. Foi acrescentado agora, ao Vaticano, apenas um porto de mar que o põe em contacto direto com o resto do mundo, e uma concessão territorial irrisoria, em comparação com os antigos Estados pontificios.

Que a Igreja possua bens de raiz e tenha rendas para a sua manutenção de uma fórmula condigna, ninguém ha de bom senso que o possa reprovar. Não é

pecado possuir bens, senão o administrá-los mal; e nem é virtude a pobreza, em si, a qual é muitas vezes o fruto da inercia e da imprevidencia. E por isso não se pôde censurar, a este ramo da Igreja, os seus valiosos cabedais. Os seus monumentos de arte, dedicados a Cristo, só merecem aprovação e louvor.

O ponto grave do acôrdo não está, pois, na concessão de territorios, nem na resolução de aceitar do governo italiano os milhões ou bilhões de liras que de direito já pertenciam á Santa Sé por ato do proprio governo, ha mais de meio seculo.

O que se nos afigura ominoso no pacto ora celebrado, é o momento politico que lhe deu ensejo.

A despeito das doutrinas, assáz reacionarias do Sylabus e dos dogmas modernos do Concilio Vaticano, a influencia moral e espiritual da Sé Romana vinha crescendo e se impondo de certa fôrma aos povos. Muitos attribuiam tal influencia unicamente á politica, extremamente astuta, desenvolvida pela Curia. Não é este, porém, precisamente o fato, como bem o pondera o dr. Frederico Heiller no seu livro "The Spirit of Worship". A influencia de Roma, a despeito dos seus metodos que a muitos se afiguram erroneos, reside no seu apelo ao que é de natureza universal, e isto é precisamente o que constitue a essencia do catolicismo. Tudo mais é accidental. E' que na alma humana, quando despertada, se revela o instinto irresistivel para o universal, ou catolico, consoante o termo consagrado.

E a Igreja Romana, diga-se em seu abono, foi a providencial atalaia, a multiseccular custodia que manteve acesa, na cristandade, a chama deste excelso principio de catolicidade.

Sem a sua influencia, o mundo cristão ter-se-ia fracionado em pequeninas seitas rivais, instrumentos doces das ambições politicas de regulos e imperadores.

A Igreja Romana desempenhou, no mundo, uma nobre finalidade no sentido de aprofundar na alma humana os valores universais. Foi a mesma missão que, politicamente, antes dela, exercera o imperio de Roma com o seu alto senso juridico.

Porém instituições ha, assim como individuos, que cumprida a sua missão, e lançados no espirito humano os germens de que foram os especiais portadores, entram em uma fase de decadencia. Desaparecem os individuos e fenecem as instituições, porém os nobres ideais, pelos quais pugnaram, esses permanecem e frutificam.

E o ideal catolico foi lançado na alma dos povos; e esse ideal, qual germe divino, não pode mais ser arrancado, quaisquer que sejam as vicissitudes politicas ou sociais dos individuos ou das corporações que o fomentaram, que o guardaram, que o semearam e o fizeram medrar no animo dos povos.

E' o grande fato consolador.

Esse ideal catolico vai empoingando hoje, e desde muitas décadas, o mundo cristão, e especialmente as comunidades religiosas que, desde o seculo XVI, separaram-se de Roma. Provam-no as multiplas conferencias, tendentes á aproximação e unificação dos cren-tes de varias corporações. O que fôra, outróra, o fruto da coerção externa, torna-se agora uma aspiração intima e irresistivel.

Durante cinco anos, sob os auspicios do eminentissimo cardeal Mercier e de altos representantes da Igreja Anglicana, sustentaram-se conferencias no sentido da confraternização entre estes dois grandes ramos da cristandade. As conversações de Malines, como eram chamadas, só foram interrompidas com o falecimento do maior vulto da Igreja Catolica Romana em nossos dias.

O conceito catolico de unidade e paz vai medrando, alvicaireiramente, no mundo cristão moderno, a despeito das declarações officiais e officiosas, aqui e ali, ao contrario. O que tem mais valor, no mundo, não são as declarações officiais ou officiosas, mas as correntes espirituais profundas que trabalham as almas de escól. E essas correntes estão saturadas do espirito de amor, de paz, de concordia, muito embora o sectarismo intolérante, em assomos de mau humor incontido, não deixe de esbravejar, rugindo imprecações.

O espirito catolico vai crescendo, incontestavelmente. O individualismo isolante é insubsistente, deixando na alma um vacuo insuportavel. Porém a instituição que salvaguardou o ideal catolico, durante seculos, vae oferecendo, desde ha muito, os sinais da decadencia. Trazida a semente ao ponto de madureza, o pericarpo, que a envolveu e resguardou, vai-se tornando pequeno, menos necessario, e até prejudicial.

E' o que pensamos no tocante á Sé Romana, gloriosa na sua finalidade historica e não menos respeitavel nas sombras que ora envolvem os dias da sua decrepitude.

Debalde olharão os povos para Roma, dela esperando ainda o verbo destemido e autorizado para pôr cobro ás contendas e repreender os insolentes.

A esperança ingenua, nutrida por alguns anglicanos, de que sob o baculo de Roma poder-se-ia reunir em paz a cristandade, acaba de sofrer pungente decepção; e em vez de esperanças, eles só podem vêr, á margem do Tibre, uma tremenda ameaça para toda liberdade civil e religiosa.

O consorcio da Santa Sé com um dos mais despoticos governos, em nossos dias, deve abrir os olhos ás nações livres e que não perderam ainda a fé na liberdade.

O despotismo póde fazer algumas cousas boas ou conspicuas; póde ser de valia em alguma crise aguda, póde levantar piramides e construir jardins suspensos; mas se não fôr alijado dentro de breve prazo, acabará por arruinar os povos que o aceitam como o feitiço normal do seu sistema. O despotismo leva inexoravelmente ao abismo.

A aliança, firmada esta semana, vae alienar da Santa Sé as simpatias dos povos livres, especialmente as nações do Novo Mundo. E' muito duvidoso se estas irão entoar "Te-Deums" de ações de graças por um tal acôrdo.

O poder do bispo de Roma, que ainda por muitos era tido como uma inspiração para a unidade e a paz, passa a ser, de agora em diante, uma de duas cousas: ou uma entidade inocua e desprezível, ou uma truculenta ameaça, como endossante de todo despotismo civil e religioso.

E outra coisa não póde resultar deste conubio da Santa Sé com o fascismo.

O catolicismo em si, como a expressão de um ideal divino, nada irá perder, pelo contrario, irá crescer e medrar mais livremente. E o fator universal, chegado a esta fase, não depende mais de condições ou accidentes geograficos ou politicos, mas impõe-se ás consciencias de uma fórmula irresistivel. E muitas vezes a tutela exercida por accidentes geograficos ou politicos tem servido de obstaculo á disseminação de valores universais.

Para que a mensagem catolica do evangelho se disseminasse pelo orbe, como benção a todas as nações, foi necessario, no principio, a quédia do judaismo, que fora tambem o guardião da fé, não só entre os hebreus, como ainda nos dias primitivos da Igreja.

E para que o conceito catolico da Igreja se arraigue devéras nas almas, em nossos dias, é mistér que se desprenda inteiramente de quaisquer tutelas, absorventes, de carater regional ou pessoal. E' a propria Providencia que, controlando os eventos, se encarrega desta obra emancipante. Muitos ha que nunca poderão conceber sequer a idéa de uma Igreja catolica sem a tutela romana, e outros ha que desesperam de que semelhante ideal seja praticavel hoje em dia. Porém ha tambem outros, em numero crescente, de todas as confissões cristãs, e que, olhando para a Jerusalem celeste, a séde do ideal, podem afirmar com alegria: "Creio na Santa Igreja Catolica".

O golpe mais fundo que recebeu o papado, cuja missão benefica e providencial nos tempos medievos é inegavel, não foi o de 70, mas o de 1929, pela sua aliança ostensiva com um poder civil que faz praça do seu desprezo de toda a liberdade civil e religiosa, e que timbra na expressão de um nacionalismo extremado, insolente, irritante. A ação bemfazeja do papado, no decorrer dos seculos, cifrou-se na sua influencia moderadora, se bem que nem sempre discreta, porém sempre de efeito coordenador entre os povos no seu periodo de formação. O seu poderio firmou-se no meio de pequeninas nacionalidades claudicantes e rivais, na península que foi a séde do antigo imperio romano.

Porém a situação agora é outra, muito outra. O que acaba de se dar não é a cena empolgante de um Henrique IV a caminho de Canossa, para receber o indulto do representante da Igreja; mas, é exatamente o contrario. O bispo de Roma é que tem esperado, por quasi sessenta anos, para receber a palavra de conciliação do unico poder civil moderno que teve petulancia bastante para tratá-lo com insolencia e menoscabo.

E' que o papado, hoje, não representa mais a mesma ascendencia moral e espiritual dos dias de Hildebrando. E' uma instituição caduca, em franca decadencia. E' uma instituição que, finda a sua missão historica, vai perdendo a sua razão de ser.

Porém o catolicismo, na sua essencia, permanece e avança, mais puro, mais nobre, mais livre, mais desembaraçado de condições regionais e historicas que, se o ajudaram em tempo, agora lhe servem só de entrave e o comprometem aos olhos dos que não desceram ainda dos principios liberais e democraticos.

O prestigio da Sé Romana vai ser profundamente abalado no espirito de milhares que são, hoje, oficialmente seus adeptos.

O catolicismo norte-americano, por exemplo, que já não vai bem nos conselhos do Vaticano, ha de resentir-se profundamente do pacto ora firmado. Vai alargar-se o abismo que, visivelmente, já separa o catolicismo da Norte-America do da Italia e de alguns povos latinos. A Igreja Galicana, tambem, á vista de um tal consorcio, qual o que se efetuou entre a Santa Sé e uma potencia declaradamente chauvinista e instigada de um prurido de férreo imperialismo, irá firmar, indubitavelmente, as suas velhas tendencias nacionalistas.

Mas ninguem pense tambem que certo protestantismo irá ganhar terreno com semelhante situação. E' preciso que se saiba que protestantismo, no seu aspecto méramente reaccionario e negativista, é um movimento religioso insubsistente e condenado, por motivos diversos, que não vem de molde enumerar nesta ocasião. Teve a sua razão de ser em uma alta finalidade na historia moderna; porém as corporações, que aderem tendenciosamente aos seus principios, entrarão em franca dissolução, se não quizerem sair da atitude a que foram

arrastadas pelas circunstancias no seculo XVI, avançando, agora, na direção dos principios e ideais catholicos da religião de Jesus Cristo.

E a Santa Sé, aliada ao fascismo ou antes, submissa a um governo secular que a protege, e que a traz sob corrente, amordaçada e sem voz no congresso das nações, em attitude obrigatoria de mansa neutralidade, continuará talvez ainda por muitas gerações, não mais como a expressão indomita dos conselhos divinos, como os Gregorios Magnos e os Hildebrandos, mas como um pio monumento de glorias que não voltam mais.

Porém a Igreja Catolica, em seus principios basilares, emancipada mais e mais de intempestivas tutelas, crescerá em fé, em amor, em liberdade, em consagração, em real unidade, consoante o pensamento do seu augusto fundador: "Para que sejam consumados na unidade".

FOI revogada, no Estado de S. Paulo, a regulamentação que fazia efetivo o ensino religioso nas escolas publicas, já permitido por decreto federal. Não somos infensos, em tése, ao objetivo de incorporar os principios fundamentais da religião cristã ao programa da educação nas escolas do país, porém isto mediante duas condições de capital importancia: primeiro, que se faça o ensino sem constringer a consciencia de quem que seja, sem ferir a liberdade individual nesta região sagrada do foro intimo. E, em segundo lugar, nunca se nos afigurou desejavel que tal decreto fosse emanado de um governo de emergencia, provisório, extra-legal, mas que viesse como o fruto da consciencia publica nacional, mediante os seus representantes em Assembléa Constituinte. Não temos receio da indole brasileira nesta materia de liberdade de consciencia. O povo brasileiro, que não merece a coima de irreligioso, não permitirá de forma alguma que, em nome da religião, se oprimam as almas no que concerne á maneira das suas relações espirituais de ordem mais alta.

E cumpre lealmente reconhecer que entre os que impugnham o ensino religioso nas escolas, só uma minoria é que o faz talvez por espirito de profanidade ou ateismo; a maioria o faz de animo sincero, visando precisamente os mais altos interesses da propria religião. Ha alguma cousa que eles temem nessa concessão solicitada para o ensino de religião nos institutos escolares.

E diga-se com franqueza que não é gratuito esse temor. Ha realmente um divorcio entre a indole liberal

do brasileiro e certa politica religiosa. Politica religiosa, dissemos, e não propriamente a religião cristã na sua essência, e nem mesmo o catolicismo em seus elementos basilares. Não confundamos as cousas. Não identifiquemos um catolicismo prisioneiro, como alguém o disse, com o carcereiro que pretende guardá-lo em perpetua clausura.

Existe, a nosso ver, uma questão mais importante que a do ensino religioso nas escolas. E' a questão do feito religioso que mais convem a um povo, especialmente um país americano, do norte ou do sul. Não discutiremos nomes nem bandeiras sectarias, mas principios que nos parecem de essencial importancia.

Sempre se nos afigurou suspeito todo açodamento em mudar insignias e formas externas do culto por motivo de haverem sido usadas com abuso. Mudam-se as fórmulas, mas permanece o mesmo vicio originario. Combate-se uma instituição religiosa qualquer, sob a alegação da sua tirania e intolerancia, mas para se erguer outra não menos intolerante, não menos fanatica, não menos pretenciosa.

Ponham-se as consciencias na reta attitude para com Deus e os homens, e as demais questões se ajustarão naturalmente, ou conservando-se as mesmas velhas fórmulas com um novo sentido, mais amplo, mais elevado, mais puro, ou modificando-as livremente para melhor corresponder aos reclamos de uma consciencia esclarecida.

Emancipem-se as almas pela verdade, e os homens não serão mais os escravos de formulas e sistemas esdruxulos, incongruentes com os seus mais altos e legitimos anélos. "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará".

A palavra "liberalismo" tem assumido, em nossos dias, uma acepção pejorativa. Passou a significar uma tendencia para o homem viver sem Deus, sem fé, sem considerações de ordem moral. E pretende-se curar o mal pelo unico remedio que reputam forte bastante para o caso: a applicação de um autoritarismo ferreo, comprimindo os

homens, entre os dentes de uma tenaz formada de duas laminas ligadas por um eixo — a lamina civil e a lamina ecclesiastica. E não se concebe outra maneira de se regerem os homens, em politica e em religião. Contra o liberalismo dissolvente só ha um recurso, no pensar de certa gente: o autoritarismo politico e religioso. E toca a amaldiçoar o instinto de liberdade, como se fôra em si um crime, um pecado.

Ha certamente um abuso de liberdade, uma falsa liberdade, que se expande em uma morbida intumescencia terminada em "ismo", "liberalismo", assim como o autoritarismo não é senão uma degeneração do verdadeiro e legitimo principio de autoridade.

Mas o remedio contra o liberalismo enfermigo não é o autoritarismo arvorado em principio permanente, mas é precisamente a nobilitação da verdadeira liberdade, que resulta da educação mental, moral e religiosa dos individuos.

Ha uma conexão intima entre a mentalidade religiosa e a mentalidade politica de um povo. E' uma situação lastimavel quando uma comunidade nacional, para manter as suas franquias liberais, tem que renunciar, ou pelo menos contrariar pretensões de representantes tradicionais da religião.

A função da Igreja, em face do liberalismo claudicante, não é o tentar estrangulá-lo com o guante de um autoritarismo fortalecido pelo braço secular, com o fim de pôr termo a toda dissidencia politica ou religiosa. O sistema religioso ou politico, que não sabe sofrer dissidencias com animo superior e fraternal, é indigno de assumir a liderança.

Tem-se dito, com entono, que a verdadeira religião é intolerante, como intolerante é a verdade. E' a maior falsidade que se pôde arvorar como principio. Os espiritos mais imbuidos da verdade são precisamente os mais humildes e tolerantes para com os que não alcançaram a mesma

persuasão, porquanto reconhecem o quanto a verdade é vasta e multiforme, infinitamente ultrapassando tudo quanto dela nos é dado apreender. Intolerantes são somente os que adêrem a formulas, a expressões e termos, sem descer ao amago deles. Um homem pôde ser intransigente em princípios fundamentais, não se deixando demover deles, e todavia magnanimo, tolerante e paciente com os outros, especialmente com os que discordam de boa fé. Heresias não se extirpam com fogueiras, como se pensava outrôra — e mesmo ainda hoje — mas com as armas da verdade, do amor e do bom exemplo.

Deverá ter a Igreja, no Brasil, um feitio necessariamente autoritario e infenso ás liberdades publicas? Será sua obrigação seguir á risca, sem discrepâncias, a orientação que lhe vem do velho mundo? Não lhe assistirá, porventura, o direito de reclamar um quinhão maior de autonomia para tratar de questões que afêtam á religião em suas relações com as circunstancias nacionais, sem estar a pedir em tudo o santo e a senha de uma autoridade forasteira? Não lhe caberia, por acaso, a faculdade de, fiel ás tradições catolicas no que elas encerram de profundo e essencial, assumir um feitio mais de acôrdo com a indole liberal da nação brasileira, e tornar-se, de alguma sorte, uma Igreja lidamente nacional, sem por isso deixar de ser catolica? E não seriam destárte muito mais valiosos os seus serviços em prôl da Igreja universal? Tanto é mais forte uma nação, quando se compõe de Estados livres, que a si mesmos se regem, e todos confederados em uma aliança que a todos iguala e a nenhum deprime. Não terá o mesmo principio applicação á Igreja em todo o mundo?

Legítimas, como se nos afiguram, tais aspirações, elas nunca poderão ser todavia efetivadas a golpes de violencia, nem pela benemerencia do poder que de fóra exerce a autoridade, e muito menos por quaisquer imposições do poder secular no país. O caminho, para efetivar-se um tal

desideratum, será pela crescente espiritualidade do clero e dos fieis, pelo prestigio moral cada vez maior do episcopado brasileiro, que conta com homens doutos, de incontestavel valor religioso, moral e civico.

Iluminem-se as almas pelo conhecimento da verdade, fortaleça-se a fibra moral pelos atos de piedade, de virtude e devotamento ao bem publico, e a Igreja, no Brasil, será forte, será livre, impavida, sem subserviencia indebita, sem feitio cismatico ou heretico, uma Igreja CATOLICA e nacional.

CATOLICA e nacional, note-se bem a ordem e a maneira de escrever os termos: catolica, em primeiro lugar e em letras capitais. Porque é este o requisito essencial, a que tudo mais ha de ser subordinado.

SE pudéssemos, transmitiríamos com prazer, a quantos nos lêem, os benefícios que auferimos, cada dia, da lição sistematica e reverente do melhor dos livros, que ilustra os homens no caminho da melhor conduta, da melhor religião e do mais nobre civismo. Ainda ha pouco, perlustrando o capitulo 48 do Genesis, marcado no calendario como a primeira lição de matinas para o 12.º dia da Quaresma, impressionava-nos sobremodo o espetaculo de um ancião, já privado da vista, nos ultimos momentos de uma existencia acidentada, entremeada de grandes visões e de ardentes afetos humanos, que lhe inspiraram a vida e lhe atassalharam tambem de mil modos o coração. Tinhamos a impresão do teór geral da vida humana, especialmente a vida impulsionada pelos grandes ideais. As magnas virtudes de Jacó encontram-se enlaçadas com mil fragilidades humanas de que ele, por suas proprias forças, não pôde libertar-se.

Mas este homem, a despeito de tudo, mantinha acesa a lampada do ideal, e todos os grandes passos da sua vida, desde a procura de uma companhia para os seus dias, obedecem ao mesmo pensamento. Alquebrado, moido pelas consequencias dos seus proprios pecados e falhas, ele não perde jamais a diretriz. E' um homem que traz no seio um ideal, a que hoje dariamos o nome de catolico, na acepção real do termo. Ele não aspira apenas a viver, folgar, triunfar, mas preocupa-se com a constituição de uma familia, de uma raça, de uma na-

cionalidade que venha a ser uma benção para todos os povos da terra.

E aqui, no seu leito mortuario, atira o seu espirito para dentro dos arcanos do futuro. Afim de ser uma benção para toda a especie humana, consoante as suas nobres ambições, é mister que primeiro a sua raça se defina como um povo distinto e com um feitio marcado entre todas as nações da terra. As preocupações com uma finalidade universal da sua raça não obumbram nele a visão dos sucessos imediatos e regionais dos seus filhos. Ei-lo abençoando os netos, os dois rebentos do filho que julgara morto ha tantos anos, e vaticinando, para eles, um futuro ditoso como chefes de tribus fortes no seio do povo eleito.

Os grandes planos divinos em favor da especie humana não seriam jamais efetivados sem uma vida nacional á altura da sua missão providencial. E mal podemos hoje entrever o porvir que está reservado para este povo extraordinario, milagrosamente conservado e inconfuso no meio das catastrofes em que têm desaparecido outras raças. O futuro deste povo está estreitamente vinculado ao futuro das nações, que não encontrarão o caminho da paz, enquanto perdurar o alheamento e a dispersão dos hebreus. Da sua restauração, moral, espiritual e nacional, depende, em grande escala, o futuro da humanidade. Como o seu ancestral, em Jaboc, o hebreu ainda luta na tréva contra o Enviado celeste, mas ha de finalmente vencer, sendo vencido, e alcançará então a benção, para os seus e para a raça humana.

Como o povo hebreu, nós, brasileiros, temos tambem, em certa medida, uma finalidade providencial a cumprir no seio das nações. Por entre os anseios e fragilidades da nossa vida nacional, e mesmo com os erros que havemos cometido, ha em nossa consciencia a luz de um ideal que nunca se apagou. Temos, primei-

ramente, um ideal de fé, semeado sem equívocos pelos que primeiro aportaram a estas plagas, quando ainda incultas. Precioso tesouro que nos cumpre guardar, embora desembaraçando-o de certos acidentes precários que com ele nos transmitiram os que no-lo entregaram.

Em segundo lugar, é o ideal de liberdade, de respeito pela personalidade humana que absolutamente não deve ser estiolada no interesse de uma suposta ordem religiosa ou cívica, que vise eliminar as naturais discrepâncias comuns a todo organismo social que vive. Tal é o sagrado património das nossas tradições liberais.

Importa-nos, pois, conservar zelosamente a fé, sem prejuízo do nosso feitiço nativo de cunho liberal. Serviremos melhor outros povos, não por sermos menos brasileiros, mas por nos mostrarmos francamente brasileiros, sem timidez e sem pejo da nossa feição como povo. Não nos é lícito, por um dever de lealdade a nós mesmos, consentir na supressão das nossas liberdades cívicas. Havemos de achar os nossos moldes em nós mesmos, á luz dos grandes ideais que professamos, e não nos figurinos que á fina força nos querem inculcar de outras terras.

O mesmo princípio é verdadeiro em religião. Não nos é permitido, sem grave risco, renunciar aos fundamentos sólidos da nossa fé católica; mas será muito grave, se não soubermos discernir, nesta emergência, entre os elementos essenciais do catolicismo, e as pretensões suspeitas de interferência indevida de elementos estranhos em nossa vida religiosa — como se não pudéramos jamais viver religiosamente sem uma estrita tutela forasteira a dirigir, como a eternas crianças, todos os nossos passos, e a nortear a nossa diretriz. Se a Concordata de Latrão, ha pouco festejada com grandes pompas por ocasião da passagem do seu ani-

versário, convém hoje á Italia de Benito Mussolini, com a séde de ambos os poderes encravada dentro do território nacional, para consolidação de um forte espirito nativista, já o mesmo não se daria conosco. Para nós, no Brasil, dada a presente situação da Italia, com a'tas pretensões de imperialismo medieval, um semelhante acordo seria o passo mais arriscado que se poderia imaginar, e isto pelos seguintes motivos:

1.º — Porque resultaria em inevitável intervenção estranha em nossa vida cívica, em dano da autonomia que nos cumpre garantir na realização do nosso destino como povo, a quem cabe o direito, e mesmo o dever, de manter e cultivar o seu proprio feitiço natural, consagrado pela fé aos fins mais altos da especie humana.

2.º — Porque seria deprimente á propria vitalidade do catolicismo no país, onde nunca será florescente sem a devida liberdade de ação, pela qual possa ajustar-se desembaraçadamente ás proprias necessidades regionais.

O que sobretudo convém, e sem perda de tempo, é firmar o direito, que incontestavelmente nos assiste, de marcar, com reverencia e humildade, mas com firmeza e sob o clarão divino a iluminar-nos a consciência, o nosso proprio feitiço católico — não menos piedoso, não menos austero, não menos heroico, porém mais forte, mais fraternal, mais sadio, mais diretamente concio das nossas grandes responsabilidades para com Deus, a familia, a patria e o mundo.

Porque se não atendermos com franqueza a esta magna questão, ficaremos para sempre na seguinte contingência: ou de pretender uma democracia sem religião, sem fé, e por isso mesmo instavel, dissolvente, ou então nos deixarmos escravizar por algum sistema de autoritarismo ferreo, impassível, intolerante, reacionario, debaixo de cuja crosta endurecida, lisa e traiçoei-

ra se escondem os maus principios que explodem nas grandes convulsões sociais.

O remedio, em tal situação, não ha de ser encontrado no cinismo incredulo, nem na panacéa de seitas dispersivas, mas no seio do proprio catolicismo, nos seus grandes principios essenciais, que devem ser para isso affirmados e abraçados com fé, com devotamento, com animo firme e resolutivo. O melhor caminho, nestas graves questões, é ainda a velha estrada batida pela experiencia cristã dos seculos antigos. "Ponde-vos nos caminhos, vêde e perguntai pelas antigas veredas, onde está o bom caminho; andai nele e achareis descanso para as vossas almas". Jeremias 6:16.

Atinando com as antigas veredas, e andando no mesmo espirito do ideal que animou os patriarchas de outróra, bem como os grandes vultos da nossa patria, tais como um Regente Feijó entre os religiosos que sabiam ser tambem patriotas, e um Ruy Barbosa entre os apostolos da democracia, encontraremos a nossa propria alma, a nossa legitima autonomia civil e religiosa, e descobriremos, alfim, o segredo do verdadeiro nacionalismo.

HA uma qualificação essencial, indispensavel para o homem que deseja encontrar a diretriz verdadeira no labirinto das opiniões controvertidas. E' o espirito de apreciação do ponto de vista dos outros. Dizia Goethe: "Quem olha com rancor e má vontade para as coisas, só pôde vê-las de um modo superficial, ainda com o subsidio da mais arguta inteligencia. Porém quando esta se alia ao sentimento de bôa vontade e amor, então é que consegue penetrar no coração do homem, e no amago das coisas, e alcançar o supremo objetivo".

E' neste espirito, parece-nos, que estas questões momentosas devem ser tratadas. E quanto á nossa attitude religiosa, que alguem sem a conhecer devidamente, classificou de um modo sumario como de *adesista protestante*, será melhor esclarecida pelo nosso recente opusculo "A Santa Igreja Catolica", encontrado nas livrarias, e que mereceu as mais lisonjeiras referencias de homens de reconhecido valor como o notavel bispo Charles Gore da Inglaterra, bem como de um outro vulto, não menos acatado pela sua cultura, piedade e elevada posição na Igreja Catolica Romana do Brasil. Não caberia transcrever aqui os conceitos, aí exarados, de um catolicismo a que se qualificou de "*sui generis*", porém que representa — assim pensamos — o espirito que deve ter a Igreja Catolica no Brasil.

E' esse igualmente o espirito de um Abade Calvet, do Instituto Catolico de Paris, no seu famoso livro sobre a unidade cristã, *Rome et Reunion*"; o de um Cardeal Mer-

cier, que por cinco anos, os ultimos da sua vida, sustentou as celebres Conferencias de Malines com representantes da Igreja Anglicana, e que em uma das Convenções Gerais da Igreja Episcopal da America do Norte, não somente a honrou com a sua presença, mas tambem com a sua palavra de apreço e de bons desejos fraternais.

E' este o tipo de catolicismo que convêm ao Brasil, e não o tipo ultramontano, intolerante, imperialista, absorvente. Um catolicismo que não entre em conflito com os idéais libertarios e democraticos, mas que lhes sirva de modelo, de inspiração e sustentáculo. A nossa orientação politica não ha de ser a que venha do comunismo russo, nem a do fascismo da Italia, nem ainda a do capitalismo desvairado, mas a que corresponda aos nossos principios liberais que são, na sua essencia, profundamente cristãos.

Já se nos tem perguntado, em que é que a concordata entre os dois poderes poria as cousas em perigo? Põe em perigo, diremos, porém, mais a religião do que o proprio poder secular. Vem trazer infindas complicações á vida da Igreja, cercear-lhe a liberdade, acirrar contra ela os preconceitos populares e afastar ainda mais do seu redil as classes operarias, já tão trabalhadas por elementos dissolventes. Já tivemos, durante seculos, a experiencia de uma igreja vinculada ao Estado, e as consequencias foram desastrosas, menos para o Estado do que para a propria Igreja.

Consequencias desastrosas, dissemos, e aí se acha toda a historia da Igreja para o atestar. Os lamentaveis dissídios, na Igreja do Ocidente, que espedaçaram a unidade religiosa, tão necessaria no mundo hodierno á face da impiedade que se alastra como a peste, resultaram, em grande parte, do consorcio indiscreto da autoridade religiosa com os interesses seculares. Se não fôra a ameaça de dominação de Felipe II da Hespanha, e a séde de Can-

tuaria, na Inglaterra, teria reatado a expressão visivel da sua unidade com a de Roma.

A obra missionaria dos primitivos jesuitas, no Japão, apegou-se a um dos partidos que eventualmente veio assumir as rédeas do poder e parecia caminhar de vento em popa — multidões a fazerem-se batizar, e pensava-se que o país inteiro iria ser rapidamente conquistado para a fé. Mas o resultado foi que, mudada a politica, eles foram literalmente varridos do territorio niponico, com geral repulsa, e só seculos mais tarde é que as portas se abriram de novo, e a custo, para a penetração da obra evangelica no país. E' um caminho muito perigoso, e só nos admiramos de que haja ainda alguém, hoje, que o preconize. Aí está o exemplo do Mexico, ainda bem fresco para escarmento.

Duvidamos muito de que se encontre no Brasil, atualmente, um numero respeitavel de catholicos inteligentes que endosse tais opiniões. Ha hoje muita impiedade no Brasil, mas não tanta como nos dias de uma Igreja oficial e nos primordios da Republica.

Se a igreja pleitea o seu quinhão de ensino religioso nas escolas publicas, está no seu direito e não se lhe fechem as portas, desde que sejam respeitadas as dissidencias. E seria justo ainda que se facultasse a ministros de religião, devidamente registrados, a celebração unica do matrimonio, evitando-se a anomalia, até hoje seguida, de dois casamentos, um civil e outro religioso. Bastaria um só, ou civil ou religioso, desde que os papeis fossem processados e o ato registrado, para os efeitos legais, em cartorio. Ha muita cousa que se pode fazer com proveito no sentido de prestigiar-se o sentimento religioso, sem, todavia, expor-se uma Igreja ás aventuras e riscos da politica.

A Igreja catolica, que o fôr de verdade e não apenas de nome, tem confiança bastante no seu chefe invisivel,

Jesus Cristo, e na força espiritual de que se acha investida, e não teme a livre concorrência de outros sistemas. Os verdadeiros católicos, crentes em Deus mais do que na máquina administrativa com a sua sede em Roma ou na Inglaterra, não temem pelo futuro da Igreja, nem procuram firmá-la na incerteza de governos fortuítos.

E' desta natureza o catolicismo que nos convém, porque é robusto, sadio, impavido, nutrido pelas forças do Invisível, e arejado pelas auras sagradas da liberdade.

O Embaixador

O APOSTOLO S. Paulo, na sua carta aos Efesios, refere-se á sua missão apostolica como a de um embaixador. Longe de apoucar o seu officio, pelas condições deprimentes, como prisioneiro, em que era forçado a exercê-lo em Roma, ele reconhece, sem hesitar, a sua alta dignidade.

A sua embaixada, na cidade dos Cesares, era de um carater muito mais elevado, e de muito mais momentosas consequencias, do que inumeras comitivas principescas que penetraram aquelas portas e pizaram o pavimento daquelas ruas, em direção ao Capitolio. Ditosos os olhos que sabem discernir as realidades através das apparencias!

Era um embaixador, porque bem certo estava de não se apresentar em seu proprio nome, mas em nome daquele que é o Senhor de todos, a quem foi dado todo o poder no céu e na terra. O que o tornava de uma energia indomita, inquebrantavel no meio de todas as contingencias e precalços, não era nenhum maquinario burocratico que tivesse atrás de si, em Jerusalem ou Antioquia, mas era uma grande e profunda convicção pessoal. "Eu cri, por isso é que falei", eram as palavras do salmista que ilustravam a sua attitude. Muito bem andou o catolicismo do ocidente em pôr os termos dos grandes Credos na primeira pessoa do singular: "Creio".

E' a fé, certamente, um patrimonio coletivo, e é confortador lembrarmos de que, acima de nós e em

torno de nós, ha uma grande nuvem de testemunhas, que nos confirmam em nossas esperanças. Mas a fé coletiva só tem força quando focalizada em almas individuais, que a testificam de experiencia propria. Viver a crença geral, de um modo vago, apagado, bruxoleante, sem expressão individual, pode ser util aos que desejam apascentar um rebanho docil, de facil manejo, mas é fatal a uma piedade vigorosa, em que homens livres, libertados por Cristo mediante a cruz, oferecem ao mundo incredulo a attitude de principes e embaixadores, falando e agindo ousadamente em nome de Deus.

O apostolo S. Paulo foi o grande apologista deste tipo de religião, a religião dos que sabem falar em nome da comunidade, mas tambem individualmente, com energia, e do mais profundo das suas convicções pessoais.

Mas a qualidade de embaixador, que o apostolo se attribuia, mostrava a sua grande confiança no poder da palavra da verdade que transforma os individuos e os povos. Ele acreditava no dinamismo da palavra como a arma poderosa para deitar por terra as fortalezas do erro, do pecado e da impiedade.

A fraqueza de muita religião, hoje, é que os seus representantes acreditam mais no poder dos esterlinos ou dos francos, do que na virtude da palavra e do Espirito; têm mais fé na maquina industrial ou ecclesiastica, do que nas potencias do mundo invisivel.

Acredita-se por demais nas virtudes mirificas de uma religião elevada ás honras officiais, e armada das sanções do braço secular. Dessa natureza foi a religião do imperio moscovita e de outros povos modernos. E o resultado, em todos os casos, tem sido o fracasso, o descalabro, o descredito da religião, as reacções violentas.

Porém aqui se encontra um nobre embaixador, não

a negociar com os governos um ajuste para pôr sob algemas os cultos dissidentes, mas ele mesmo algemado, cerceado na sua liberdade externa. Este homem, prisioneiro dos Cesares, com a ferrea cadeia a pender-lhe do pulso, é quem traz a mensagem que liberta o mundo, pela razão de que leva o principio da verdadeira liberdade ao intimo das consciencias.

Era em Roma um prisioneiro de verdade, e não de capricho, nem de turra, nem para armar a efeito; e nem tão pouco amaldiçoava as suas cadeias, porém fazia delas um meio de realçar o poder de Cristo, que torna os homens livres, emancipados no profundo das suas almas.

Grandes reboliços populares, hoje, em nome da religião, são inocuos, senão contraproducentes na obra de libertar as almas da servidão do pecado e do mal. Qual a razão de tal fraqueza?

E' que muitos procures religiosos, descrentes do principio sagrado de liberdade, por via dos abusos que em seu nome se praticam, não acreditam mais na virtude dos embaixadores em cadeias, mas eles proprios, aliados aos governos prepotentes, pretendem forjar cadeias, tão fortes, que forcem a submissão absoluta das massas e sufoquem na gorja todas as vozes dissidentes, justas ou injustas.

A verdadeira religião não amaldiçoa a liberdade: santifica-a pelo evangelho, pela cruz, e traz a lume o seu real sentido e a sua verdadeira applicação. Não maldiz o povo, não condena a democracia, a despeito dos seus fracassos: procura rehabilitá-la pela unica força que a pode erguer ao pedestal da sua legitima soberania — o poder de Cristo no coração dos homens.

Era esta, indubitavelmente, a religião do embaixador em cadeias.

"NISTO conhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu". Estas palavras, escritas pelo apóstolo S. João, se fizeram ouvir por todo o orbe, na terceira domingo depois de Pentecostes, como parte da Epistola do dia. No officio da santa missa, celebrada em milhares e milhares de igrejas, elas retiniram, então, aos ouvidos dos fieis. Expoentes da inspiração apostolica, nos dias primitivos, elas merecem atenção dos que hoje esperam de Cristo a unica salvação possível aos homens, á beira do abismo.

Nos dias apostolicos, como ainda hoje, não faltavam individuos que vinham pôr em duvida a genuinidade da fé que animava os fieis de Jesus Cristo: que eles não seriam verdadeiros crentes se não se submetessem a esta ou áquella observancia ritual, segundo o modo particular por que eles a entendiam; ou se não fossem filiados a este ou aquelle grupo sectario, com pretensões ao monopolio da fé e da verdade divina.

Se fomos dar ouvidos, hoje, ás pretensões de cada um que aparece como o portador da unica fórmula de religião verdadeira, procurando lançar em descredito as demais, seríamos certamente levados á loucura ou á descrença de toda a religião. Alguns ha que insinuam que é somente com eles, sob a sua jurisdição, que pôde subsistir a verdadeira piedade; fóra daí tudo é espurio, condenavel. Sem a sua chancela official nada é valido, nada merece apreço.

Outros ha que aparecem contando uma longa histo-

ria de experiencias com varios credos, até que, como dizem, encontraram a verdade, pura e cristalina, em alguma seita exotica, transplantada do estrangeiro ou nativa do proprio sólo nacional.

Alguns ha, neste Estado, que pretendem entregar os destinos da patria á custodia de uma imagem milagrosa, de procedencia incognita. E outros haverá, também, em Minas, ou no norte do país, que reclamarão o mesmo direito para os seus numes tutelares. E que razão haverá para S. Paulo se constituir, por este meio, em séde de mirificas influencias salutaes que hão de avassalar, como se pretende, o país inteiro, derramando por toda a parte, até os mais reconditos confins, as bênçãos da fé, da unidade e do progresso da familia nacional? Todo brasileiro, de agora em diante, seja ele do extremo norte ou do mais afastado rincão do sul, terá de pagar o seu tributo a S. Paulo, onde se encontra o santuario que guarda, com reverencia, a maravilhosa imagem, penhor seguro da felicidade nacional! Outros santuarios rivais hão de surgir, e ficaremos afinal sem saber para onde ir em busca da salvação do nosso povo: — Aparecida? Congonhas? Bom Jesus da Lapa? ou Joazeiro do padre Cicero?

Se o supremo ideal de um povo é deixar que lhe assentem no dorso a cangalha, bem apertada para não virar com a carga, e os olhos semi-vendados, deixando-se levar, tângido, para rumo ignorado, pensando que o levam para o céu, então não pôde haver melhor sistema.

Dirão, talvez, alguns que isto seja a lidima expressão do catolicismo; porém muitos mais haverá que, em nome da sua fé catolica, absolutamente não poderão endossar processos que visam dominar o povo por via de um sentimentalismo religioso tal, doentio, errado, de procedencia equivoca e de efeitos funestissimos.

O que muitos homens não enxergam, ou fingem não enxergar, é que a massa do povo ignorante, fa-

ilmente levada após de qualquer credence, que se lhe inculca; ou que se lhe permite a título de fé, da mesma forma se deixará conduzir pelos que se puserem diante deles, como guias, para levá-los á suposta Canaan do comunismo. E os resultados, tremendos e inexoráveis, serão os templos invadidos e profanados, o ultrage ás insignias religiosas, o desrespeito aos ministros e o descrédito de todo o sentimento religioso e, a seguir, a dissolução de todos os vínculos mais sagrados da vida doméstica e social.

E quem serão, afinal, os maiores responsáveis por um tal desfecho? Os bolchevistas ou os nacionalistas fanaticos do fascio? Os maiores culpados serão os que, em vez de alimentarem com o pão da verdade o povo, mostrando-lhes Jesus Cristo como a séde suprema de luz, dê pureza e unidade, preferem explorar as tendencias supersticiosas desse mesmo povo, por via do obscurantismo e da degradação espiritual e moral das massas, afim de as trazer, como parece, mais facilmente dominadas.

E atrás destes já estão outros de espreita, aguardando o primeiro ensejo, para arrastarem camponeses, soldados e marinheiros, ao inefável domínio do proletariado — sem religião, sem moral, sem entranhas. E o remédio, eficaz contra um tal perigo truculento, não será o transportar de uma imagem de um lugar para o outro e depois recambiá-la com grande encenação, em prejuizo dos verdadeiros principios religiosos centralizados em Cristo e no altar da Santa Eucaristia. Isto, só póde predispôr o povo á credence, a essa superstição que conduz levas de fanaticos, de mistura com exploradores, para a Santa dos Coqueiros, e nunca para a verdadeira religião catolica, mascula, emancipadora, que sabe resistir aos erros e vicios populares, assim como aos desmandos dos homens que governam. A verdadeira religião catolica não vive de explorações: não explora a ignorancia do vulgo, nem se

deixa explorar pelos politicos. Conscia do seu valor moral e espiritual, não corre a traficar com os politicos um prestígio artificial e duvidoso — recurso dos que não contriam bastante em Deus nem na autoridade espiritual de que se dizem revestidos.

As marcas da verdadeira religião, do real catolicismo, não hão de ser encontradas em qualquer chancela official, do estrangeiro ou do país, mas no testemunho da propria consciencia dos que professam a religião de Cristo. Havemos de conhecer que pertencemos á grei de Jesus Cristo, não pelo certificado de dioceses ou de seitas, mas sobretudo pelo testemunho intimo do Espirito e pelos frutos da vida religiosa. “Nisto conhecemos que ele permanece em nós — diz o apostolo S. João — pelo Espirito que nos deu”. Os verdadeiros crentes eram, reconhecidos então, não tanto pelas credenciais que trouxessem de Efeso, de Jerusalem ou Antioquia, mas pelo testemunho intimo do Espirito. Onde houver os frutos do Espirito, ali se encontram verdadeiros crentes; e onde se encontram verdadeiros crentes, seja qual fôr o seu nome ou alcunha, aí se encontra uma real expressão da Igreja, a Santa Igreja Catolica.

E quais são os principais efeitos da presença do Santo Espirito no coração dos crentes?

Primeiro, uma noção verdadeira a respeito de Jesus Cristo, como o Filho eterno de Deus e que assumiu a nossa humanidade, afim de redimir-nos do pecado e das suas tremendas consequencias. O Espirito Santo, sendo o Espirito da verdade, abrirá os olhos da nossa mente para uma verdadeira fé em Cristo. Tudo o que tende a trazer honra a Jesus Cristo e a colocá-lo no trono dos pensamentos e dos afetos humanos, é o fruto do Espirito. E tudo o que vise pôr de lado Jesus Cristo, assentando em seu lugar o homem, a organização, ou mesmo um

livro, uma imagem ou idolo, vem de encontro ao testemunho do Espirito.

Não apenas fé no Cristo historico, real sómente na lembrança dos homens, mas fé no Cristo presente, atual, hoje, conosco. Não apenas no altar, para ser adorado de longe, ou para ser ovacionado, mas para ser recebido por nós, transubstanciando a nossa vida mortal, de sua indigência e mesquinhez, para a exuberancia e gloria que convem aos herdeiros da vida imperecível.

E o outro distintivo da presença do Espirito em nós, certificando-nos da presença de Cristo em nossos corações, é a nossa attitude para com os homens — attitude de bondade, de amor, de cavalheirismo, sem preconceitos de raça ou de seita, procurando levar todos á mesma fonte de luz, de paz e de benção.

A nossa fé e a nossa vida — eis o duplo selo que nos torna seguros da realidade da presença de Cristo em nós. "Este é o seu mandamento, que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, conforme ele nos ordenou. Quem guarda os seus mandamentos, permanece em Deus, e Deus nele; e nisto conhecemos que ele permanece em nós, pelo Espirito que nos deu".

E' esta a verdadeira certidão do crente, a divina credencial que os espiritos retos pôdem todos ler, e que nenhum anatema, da prepotencia ou do despeito, terá jamais o poder de invalidar.